

A Arquitetura Latino-Americana da Industrialização

Juiz de Fora (1880-1930) ¹

Vanda Arantes do Vale ²

Abstract

Latin-American architecture of industrialized era - Juiz de Fora (1880-1930), the peak of the eclectic period, demonstrates the link between art and society as something dynamic and interactive. The architecture of the period is not only a result of the social context but a reinforcement of that context.

Resumo

A industrialização em Juiz de Fora (1880-1930) deixou marcas emblemáticas na arquitetura da cidade. A autora se propõe à identificação e ao desvelamento do significado de alguns prédios deste centro urbano.

Introdução

Entre os anos de 1880-1930, deparamos com focos de industrialização sendo espelhados pela América-Latina, como exemplos: Argentina - província de Buenos Aires, Chile - Iquique, Brasil - São Paulo e segundo Jacob Gorender, "*Juiz de Fora, centro industrial de Minas Gerais que produziu, aliás em miniatura, o processo de acumulação originária do capital pela agricultura*"³

Escolhemos como norteador para nosso trabalho o pensamento de Néstor García Canclini, argentino radicado no México, autor que muitas contribuições tem trazido aos estudos da arte latino-americana.

¹ Período em que se caracteriza a industrialização da cidade

² Professora de História das Artes e Estética da U.F.J.F.

³ GORENDER, Jacob. *A burguesia brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 8.

⁴ CANCLINI, Néstor García. *A socialização da arte-teoria e prática na América Latina*. Trad. Maria Helena Ribeiro da Cunha, Maria Cecília Queiroz Moraes Pinto. São Paulo: Cultrix, 1980.

Usaremos em nosso trabalho alguns dos conceitos do autor que consideramos pertinentes ao estudo por nós desenvolvido. Exporemos nos próximos parágrafos algumas das idéias do autor contidas no livro *Socialização da arte-teoria e prática na América Latina*⁴.

Propõe-se na primeira parte da obra, uma teoria sobre a criação artística; na segunda, faz à luz de sua teoria, a leitura das linhas gerais da História Social da Arte Latino-Americana, priorizando o século XX.

Segundo Canclini⁵, os problemas para a elaboração de uma estética são três: determinar o contexto social com o qual a arte se relaciona, o caráter destas relações e as diferenças e semelhanças dos fatos artísticos com os sociais.

Diz-nos o autor:

O problema básico da estética não é como se situa uma obra de arte ante as condições de produtividade, mas como se situa nelas. A arte não representa só as relações de produção; ela as realiza⁶.

Tentaremos então, ao estudar a arquitetura em Juiz de Fora, não somente situar as construções no contexto histórico da industrialização latino-americana, mas principalmente observar como estas obras atuam em tal contexto. Pretendemos, ao final do trabalho, mostrar que a arquitetura de nossa cidade nasce dentro de um contexto sócio-econômico, referendando-o e reforçando-o.

Considerações gerais e Juiz de Fora - Um Caso de Arquitetura da Industrialização Latino Americana (1880-1930)

Ao se estudar a América Latina no século XIX, é necessário se reportar às transformações que estão se dando na Europa. Em linhas gerais, podemos destacar como principais fatos: o capital comercial cedendo espaço ao industrial com o advento da Revolução Industrial; as colônias americanas foram convertidas em "*áreas periféricas*" da economia européia, cabendo-lhes o fornecimento de matérias-primas e o consumo de manufaturados. Quebrou-se o Pacto Colonail, onde a colônia só podia comerciar com a Metrópole. As classes dominantes das colônias fizeram as "independências", movimentos que marcaram o nascimento das nações latino-americanas de 1811 a 1825 tendo, por detrás, a Inglaterra como "*mentora*".

⁴ Ibidem, p. 17.

⁶ Ibidem

Como falamos na Introdução do presente trabalho, em fins do século XIX, encontramos na América Latina pólos que se industrializaram; outros países converteram-se em exportadores de matérias-primas, como o Uruguai (lã e carne), Bolívia (estanho), Colômbia (café), Cuba (açúcar), etc. O momento no continente é de afirmação de uma burguesia urbana imitadora de valores e hábitos de sua congênera européia mesmo quando não tem indústrias.

Lembraríamos ainda que a Europa industrializada viu-se como um imenso contingente de mão-de-obra desocupada, ameaçada constante de conflitos sociais. Criou-se então a política de imigração, atendendo-se às necessidades das burguesias européia e latino-americana. Dentre muitos interesses latino-americanos podemos perceber: branqueamento da população em áreas de concentração africana, palcos de constantes revoltas negras; saneamento de áreas insalubres, e necessidades de mão-de-obra especializada para o funcionamento de uma economia urbana (país independente) em oposição à rural (colônia).

A Igreja, Cabildo, Palácios, casarões coloniais foram postos abaixo pela burguesia que, no final do século XIX, adotou o Eclétismo nas construções e no planejamento urbano necessários a uma nova ordem social. Segre identificou nas construções do período:

[...] los monumentos ecléticos-representativos de las funciones del Estado. Y supeditó los espacios de participación al necesario encuadre prospectivo impuesto por los monumentos, alcanzando así el Centro una hipotética simbolización global de la comunidad identificada con el aparato del Estado⁷.

O modelo de Haussmann é transposto: copiado em Belo Horizonte, cidade construída em fins do século XIX. A organização e construção da capital mineira foram estudadas por Heliana Anglotti Salgueiro⁸, em *O eclétismo em Minas Gerais: Belo Horizonte (1894-1930)*

Montevidéu teve avenidas abertas pelo arquiteto Norberto Maillart; Buenos Aires construiu a Avenida Treze de Maio; Rio de Janeiro, no período, teve a abertura da Av. Rio Branco; Cienfuegos em Cuba, constitui excelente exemplo de urbanismo e arquitetura do século XIX, etc., etc.

⁷ SEGRE, Rober-Rangel Rafael L. *Ambiente Y sociedad en America Latina contemporánea*. Havana: Casa das Las Americas, 1985, -, 68.

⁸ SALGUEIRO, Helina Angotti. *O eclétismo em Minas Gerais: Belo Horizonte 1894-1930*. In: FABRIS, Anna Tereza (Org.) *Eclétismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Difel, 1989

Em Juiz de Fora, a lavoura cafeeira gerou massa de capital passível de se transformar em capital industrial. São fatores da industrialização: a transformação da força de trabalho em mercadoria (assalariamento), tornado-a farta através da imigração; criação de um mercado interno, no caso o café, gerando a necessidade e a capacidade de se importarem alimentos, meios de produção e bens de consumo; condições favoráveis de financiamento fornecidos pelo governo; baixos salários; isenção tarifária concedida à importação de máquinas e equipamentos, assim sendo possível surgir a indústria de bens de consumo, em nossa cidade, a têxtil.

Estes aproximadamente cinqüenta anos de Juiz de Fora foram o período em que a burguesia e a intelectualidade ligada a ela denominaram a cidade "*Manchester Mineira*" e "*Atenas Mineira*", obviamente criando com tais epítetos, a idéia de modernismo e progresso. Estudaremos a seguir algumas mostras arquitetônicas da "*Manchester Mineira*", seus palacetes, fábricas, vilas operárias e as instituições necessárias ao funcionamento de uma sociedade industrial.

Palacete, Vilas Operárias e Fábricas

A cidade que teve seu maior desenvolvimento sócio-econômico com a industrialização, em nada se parece, esforçando-se para isto, com as cidades dos centros mineiros. Os pioneiros da região oriundos de Caeté, São João del Rei e vizinhanças, e arredores de Ouro Preto, desbravadores da Mata Mineira, deixaram marcas de suas origens nas fazendas e capelas que circundam Juiz de Fora.

Após 1870, vários fatores impulsionaram a industrialização, já comentados anteriormente. Os filhos dos fazendeiros de café serão os industriais. Tem consigo a mentalidade de escravocratas, envernizada e lapidada pela idéia de modernização, adequação às necessidades dos novos tempos; construirão palacetes, mas abaixo do nível da rua farão porões para a criadagem, substitutos da senzala.

Estes fazendeiros-industriais introduzem o Ecletismo em Juiz de Fora. Ecletismo que aqui chegou com poucos arquitetos e muitos mestres-de-obras italianos. O "estilo" de uma sociedade que quis aproveitar o progresso tecnológico e ao mesmo tempo mostrar erudição, fazendo referências históricas, o revivalismo. Aqui às margens do Paraibuna, esta burguesia construirá seus palacetes, olhando para

a Europa, de onde vem o progresso que é o moderno, mas sobre uma estrutura que resiste - escravocrata. Estudaremos, a seguir, algumas construções significativas da cidade.

Colégio dos Santos Anjos, chácara construída em colina no bairro Vitorino Braga. Seu primeiro proprietário foi o fazendeiro em Sarandira e industrial Teixeira Leite, filho do Bãrão de Vassouras. Segundo Passaglia⁹, o prédio foi construído pelo arquiteto Quintiliano Nery Ribeiro, formado nos Estados Unidos e filho do cafeicultor em Porto das Flores, Domingos Nery Ribeiro, construtor de significativas obras da cidade como: Matriz de São José das Três Ilhas, Palácio do Bispo (demolido) e Palacete da Rua Floriano Peixoto, nº 847.

Descrevendo a arquitetura do Colégio dos Santos: construção em colina, costume muito adotado pelos que podiam se afastar da várzea, onde as inundações eram constantes; encontramos, em seu interior, sala revestida de espelhos, janelas com vidros (bisotados), produtos industrializados. O prédio é uma mistura de arquitetura revivalista; seu telhado com várias águas, com pequenas torres e mirantes, faz evocação ao castelo gótico e palácio renascentista.

Palacete dos Alves, prédio recentemente restaurado, situado à Rua Floriano Peixoto nº 847, esquina com Rua Tiradentes. Como o colégio Santos Anjos, está situado em colina, possuindo torre com a função de mirante, paredes decoradas com motivos italianos, complementados com varandas e escadarias. É importante lembrar que o palacete ficava separado do centro, pois a parte superior da Rua Floriano só muito mais tarde seria aberta.

Nos dois palacetes que escolhemos para exemplos, pertencentes a grandes proprietários, pessoas ligadas à industrialização, vemos o propósito de usar o que de mais novo existia em tecnologia, junto ao maior número possível de referências a estilos passados. É de se observar que a burguesia sempre teve como valor maior a ideia de privacidade, afastando-se da rua, espaço público, onde a convivência entre as classes acontece. Todo este *Pensar* se traduzirá em arquitetura. Não somente a construção do palacete, abrigo do grande burguês, mas em todos os níveis, a ordem industrial se fará presente; a classe média em lotes espremidos imitará as grandes construções; a fábrica terá sua arquitetura obviamente escolhida pelo proprietário;

⁹ PASSAGLIA, Luiz Alberto do Prado. *Preervação do patrimônio histórico de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: IPPLAN/PMJF, [s.d.] p.146.

a vila operária será construída a seu mando. Vemos então que a arquitetura de Juiz de Fora, como de outras cidades, que se desenvolveram sob a industrialização, será como o emblema de uma nova ordem. Quando usamos o termo “*Emblema*” (do grego: ornato em relevo) o fazemos para lembrar que ele identifica quem o usa ou adota como elemento de um grupo, de uma associação, etc. O Eclétismo é o emblema da industrialização em Juiz de Fora, usado por toda a cidade entre 1880 a 1930. Sendo a ética desta sociedade o “manda quem pode, obedece quem tem juízo”, podemos dizer da arquitetura eclética da cidade: mora quem pode, esconde, refugia quem não pode.

Passando, agora, às construções para o outro pólo social: os que se escondem, as vilas operárias. Usamos a terminologia “*esconde*”, pois é dito popular que “*pobre não mora, esconde*”. Estudo difícil de se fazer, porquanto os livros de História da Arte e História da Arquitetura, sempre ligados à historiografia oficial, não tratam do assunto. A professora Maria de Lourdes Andarde Nascimento¹⁰ trabalhou com o assunto, fonte usada para nossas observações.

As vilas operárias são a mostra de uma nova relação estabelecida pelo capital em Juiz de Fora. Este tipo de construção está ligado à história da industrialização da cidade, aí se “esconderam” os protagonistas de Andrade¹¹ *Classe operária em Juiz de Fora: uma história de lutas* (1912-1924). Encontramos dois tipos de construção nas vilas: com tijolo aparente e caiação. As do primeiro tipo estão na Avenida Surerus, nas rua dos Artistas, 31 de Maio e Padre Matias. As do segundo tipo são encontradas no Bairro São Mateus, bairro característico de classe média, a exemplo das vilas Célia, Ferreira Leite e Travessa Nossa Senhora do Amparo. É de se observar que estas vilas foram construídas nas áreas, outrora periféricas do bairro. Ainda com caiação, encontramos: Vila das Viúvas - Rua Mariano Evangelista; Vila da Rua Benjamin Guimarães e Vila Caruso - Rua Batista de Oliveria. Na casa proletária, a construção não garante privacidade e intimidade. De um cômodo, ouve-se o que se fala em outro; de uma casa, sabe-se o que se passa na outra; da rua enxerga-se o interior da morada. Os moradores, quer queiram ou não, convivem. Somente a porta, separada da rua por um degrau, separa tenuemente o público do privado.

¹⁰ NASCIMENTO, Maria de Lourdes Andarde. *Arquitetura de vilas operárias em Juiz de Fora*. (Monografia) Juiz de Fora: UFJF, 1987 (mimeo.).

¹¹ ANDRADE, Silvia Maria Belfort Vilela de. *Classe operária em Juiz de Fora: uma história de lutas* (1912-1924). Juiz de Fora: EDUFJF, 1987.

O prédio básico à industrialização, mola-mestra das relações é a fábrica. Uma delas — a Cia. Têxtil Bernardo Mascarenhas — hoje recuperada arquitetonicamente, como Espaço Cultural, é um conjunto arquitetônico de construção com tijolo aparente, e formas renascentistas; também a fábrica, como os prédios oficiais, deveria transmitir as idéias de racionalidade. Outro exemplo, a Industrial Mineira, hoje Ferreira Guimarães, também é construída dentro de uma busca racionalista da arquitetura das fábricas, contudo imita um castelo em sua fachada; castelo que, à medida que vamos penetrando em suas entranhas, encontramos os melhores cômodos (casa da direção) para os senhores e as instalações exíguas para a criadagem (vila operária). Não é por acaso que os estabelecimentos fabris foram chamados por entusiastas defensores de “templos modernos” e “castelos de novos tempos”, etc.

Para Garantir o Bom Funcionamento da Ordem: As Instituições

Da organização das diferenças sociais, as instituições, escolhem um prédio público governamental, o Forum; uma associação de classe, Associação Comercial e um colégio, Granbery.

O Forum, localizado ao lado da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, hoje Câmara Municipal, é de construção eclética, tendo como característica o uso do raciocínio que revive valores neoclássicos, denominado pelo Eclétismo, de Renascença. Em Juiz de Fora, o Forum será o primeiro prédio construído, cujas formas procuram a intelectualização, através de referência a um estilo histórico. Será o Palácio da Justiça, construído para uma cidade que sempre teve características diversas do restante de Minas.

O Granbery, colégio metodista, estabelecimento cuja proposta atendia aos setores liberais ligados à industrialização. O colégio, construído segundo modelos norte-americanos, de aparência sóbria, racionalmente calculado para um bom funcionamento, é boa mostra do modo Eclético norte-americano de utilizar o estilo Renascença.

A Academia de Comércio foi a resposta da burguesia industrial católica ao liberalismo metodista brasileiro. Ao operariado, restavam para seus filhos, os Grupos Escolares, construídos nos bairros, com arquitetura semelhante à das fábricas, cumprindo os programas governamentais, alfabetizando e postulando valores necessários ao manutenção da ordem.

A Associação Comercial, prédio construído em 1918 pela firma Pantaleone Arcuri, projeto do mestre-de-obras Notaroberto, constitui harmoniosa construção eclética. Prédio de dois andares, atingindo-se o segundo andar por escada onde se depara com vitral que ilumina a sala de reuniões; o Eclétismo deixa suas marcas em outros elementos do prédio como os adornos grego-romanos da fachada.

Terminaríamos os comentários sobre a arquitetura das instituições em Juiz de Fora, lembrando de suas igrejas ecléticas (Glória, Rosário, São Roque, São Mateus, Capela Senhor dos Passos) que revivem formas medievais e seus prédios públicos e escolas (Prefeitura Municipal, Praça da Estação, Divisão de Higiene, Escola Normal, etc.), usando as formas renascentistas. Diríamos que entre nós, o Eclétismo foi veículo maior da ideologia do capitalismo industrial.

Conclusão

Tendo como fonte de consulta os trabalhos de Maraliz de Castro Vieira Christo¹² e Silva Maria Belfort Vilela de Andrade¹³, pesquisas onde os vários aspectos da luta operária e projeto de educação implantado pela classe dominante em Juiz de Fora são minuciosamente estudados, concordamos com Canclini¹⁴. Este sociólogo defende a análise da práxis para mostrar que a arte, além de nascer em determinado contexto histórico, também o realiza, explicando suas contradições sociais.

As fábricas de modelos ingleses, insalubres, meio adequado à proliferação da tuberculose, mostra a realização a nível prático das contradições de uma sociedade que apregoa a liberdade de ir e vir, garantias individuais, a honradez do trabalho, etc., mas, em realidade, o livre direito de trânsito existe somente para o proprietário; garantias individuais de privacidade, escolha de normas existenciais próprias são garantias do empregador, e, por último, dignidade conferida pelo trabalho. Sobre este último aspecto, o texto do Diário Mercantil de 1920, ilustra como é "digna" a vida daqueles que produziram as riquezas da industrialização em Juiz de Fora:

Há bairros inteiros, como os do Zinco, o do Pito Aceso e do Morro Seco, em que a classe proletária se aglomera em casebres toscos de adobe e

¹² CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *A "Europa dos pobres": o intelectual e o projeto educacional dominante em Juiz de Fora na belle-époque mineira*. (Dissertação de Mestrado). Niterói: UFF, 1987.

¹³ Op. cit.

¹⁴ Op. cit.

sapé, formando focos permanentes de todas as moléstias. Por outro lado a vida não pode desenvolver-se nem a população aumentar, justamente devido à falta de casas, por isto que os abastados, os que têm recursos, não se sujeitam a sofrer a crise das habitações¹⁵.

Esperamos ter enfatizado e exemplificado o nosso pensamento de que a teoria não é desvinculada da práxis; a arquitetura não é organismo inanimado, mas produto de um trabalho, trazendo em si todo o potencial de um momento humano que, ao se realizar em ato pode ser opressor ou libertador. As construções realizadas em Juiz de Fora, no período de sua industrialização, mostram-nos a realização da primeira possibilidade.

¹⁵ ANDRADE, Sivia Maria Vilela de. Op. cit., 44.